

OS EXCLUÍDOS: UMA RECONSTRUÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA E ECONÔMICA DO ENVOLVIMENTO COM ENTORPECENTES NA CIDADE DE MOSSORÓ/RN (1986-2003)

THE EXCLUDED: A SOCIAL, ECONOMIC AND HISTORICAL RECONSTRUCTION OF INVOLVEMENT WITH DRUGS IN THE CITY OF MOSSORÓ/RN (1986-2003)

Rafael Lopes de Freitas Neto*

RESUMO: Desenvolvemos uma pesquisa sobre exclusão social, sócio-história, desenvolvimento local e envolvimento com entorpecentes, baseados na importância do tema para nossa sociedade. Mostramos a evolução econômica e social da cidade, e a exclusão de parte da população desta evolução, e que isto exerce grande influência no aumento da criminalidade. Mostramos que as estruturas sociais estão interligadas, e a distorção em um setor social, no caso o econômico, afeta outros setores. Consideramos os aspectos geográficos e políticos da cidade, bem como as correntes teóricas da história social, regional e local para a interpretação dos resultados da pesquisa.

Palavras-chave: Criminalidade. Entorpecentes. Mossoró. Historiografia.

ABSTRACT: We developed a research on social exclusion, social-historical, local development and involvement with drugs, based on the importance of the subject for our society. We showed the economic and social evolution and the exclusion of the part of the population in this scenario, and that this is a great influence in the increase of crime. We also showed that the social structures are linked and that the distortion in a social sector, in the economic case, affects other sectors. We considered the geographical and political aspects of the city, as well as theoretical chains of the social, regional and local history for interpretation of the result of the research.

Keywords: Crime. Narcotics. Mossoró. History.

* Licenciado em História pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Policial Militar no Rio Grande do Norte. Mossoró – Rio Grande do Norte – Brasil.

1 INTRODUÇÃO

O interesse por um tema que abordasse a exclusão social, a violência, o envolvimento com entorpecentes e a história recente da cidade surgiu a partir de três vieses principais: o primeiro, envolvia a nossa vivência diária em uma cidade que se desenvolve econômica e urbanisticamente, sem que este desenvolvimento seja desfrutado por toda a sua população; O segundo está revestido de um caráter pessoal, que é a minha área de atuação profissional, no caso, polícia militar, isso proporcionou um acompanhamento de casos diversos na área criminal, mas que, apesar de envolverem pessoas diferentes e em realidades diferentes, guardavam algo de comum, isto é, o envolvimento da maioria das vítimas e dos acusados com entorpecentes. Estas observações cumuladas com o crescente índice da criminalidade na cidade de Mossoró, envolvendo majoritariamente populações da periferia da cidade e que viviam em condições de pobreza e exclusão social, levou-nos a fazer uma co-relação entre exclusão social e a criminalidade, mais especificamente nos crimes previstos na Lei 11.343/06, em seus artigos. 28 e 33. O terceiro viés vem da necessidade de um tema dentro da perspectiva histórica que envolvesse um olhar teórico Marxista e da escola dos annales, fazendo uma união e complementação destas duas escolas, a partir da análise do econômico, do social, mas também do regional e do cotidiano.

Os caminhos escolhidos para esta pesquisa e sua conseqüente interpretação e discussão foram escolhidos a partir de fatores lógicos, isto é, uma base teórica com pesquisa de campo e na coleta de dados pesquisados nos arquivos da secretaria da 5ª Vara Criminal da Comarca de Mossoró. Procuramos não utilizar dados que poderiam mudar com a absolvição do réu, por isso trabalhamos só com processos transitados em julgados com condenação. Mesmo com todo esse refinamento sabemos, talvez, tenha processos muito antigos arquivados em varas criminais ou cíveis de épocas em que não havia vara específica de entorpecentes. Mesmo assim a quantidade de dados colhida é suficiente para montarmos um quadro da realidade. A pesquisa foi feita com o intuito de formar um perfil social dos envolvidos com entorpecentes, bem como um mapa social da cidade através da incidência de ocorrências nos bairros de casos tipificados nos

artigos 28 e 33 da Lei 11.343/06.

Temos em mente que a criminalidade e o envolvimento com entorpecentes não é algo que pertença apenas às classes sociais mais pobres e excluídas. Por isso, advertimos que a nossa pesquisa tem que ser interpretada com um olhar crítico ao sistema jurídico e policial, pois sabemos que casos que envolvam tráfico e de consumo de entorpecentes entre pessoas das classes A e B são mais difíceis de identificar. Isso se dá por varias razões, que seriam, entre outras, a maior capacidade financeira destas famílias o que facilita um tratamento clínico, com também uma melhor preservação da imagem do seu familiar. Devem contudo, ser lembrado os pontos acima referidos para que na interpretação dos resultados não se pense que o problema do envolvimento com entorpecentes se restringe a uma ou outra camada social, pois como disse Carlini “o uso indevido de drogas é um problema internacional, e não só regional ou nacional, e que afeta todos os segmentos da sociedade, ameaçando suas estruturas. Desta forma, todas as maneiras de se combater o problema são bem vindas” (2001 p. 08).

Para melhor fundamentação da nossa pesquisa, optamos por uma base teórica marxista, unida a uma tendência da escola dos annales. Com relação à possibilidade de um trabalho que una essas duas teorias, colaboraram diversos autores, como Reis (1999), Cardoso (1990), Vaifas (2002), entre outros, julgando ser este o caminho para uma maior aproximação com o objeto estudado, isto é, a percepção de uma visão microanalítica sem perder de vista a totalidade (LE GOFF apud VAIFAS, 2002).

Iniciamos nosso trabalho discutindo um campo ainda pouco estudado da História e partimos da convicção na força do imaginário local para a manutenção do lugar e de determinadas crenças (DE CERTEAU, 2004), já que, mesmo com a evidência de problemas na estrutura da sociedade, problemas que geram exclusão, a estrutura é mantida; ainda seguindo o pensamento do De Certeau tentaram construir um espaço onde a “sociedade não oferece mais saídas simbólicas e expectativas de espaços a pessoas ou grupos, e ainda não há outra alternativa a não ser o alinhamento disciplinar e o desvio ilegal” (DE CERTEAU, 2004, p. 216). Dentro desta perspectiva, procuramos mostrar não só a pesquisa, mas também o desenvolvimento do lugar estudado, bem como do local de pesquisa.

2 UMA SÍNTESE HISTÓRICA: NOVAS TEORIAS, NOVOS OBJETOS, NOVOS MÉTODOS

Após um período em que a história desvencilhava-se da filosofia e depois de uma “ciência” histórica positivista, em que ambas não traziam uma construção satisfatória em diversas abordagens e conceitos, a história sai do isolacionismo e passa a uma abertura para outras ciências, sobre este assunto temos a palavra do historiador russo Aaron Gurêvitch.

[...] A fidelidade fanática a uma única teoria do desenvolvimento social e, independentemente das qualidades científicas dessa teoria, o repúdio imediato a todos os outros possíveis enfoques levam a um extremo estreitamente dos horizontes do pensamento [...] (GURÊVITCH, 2003, p. 05).

Esta tem sido a grande discussão no meio acadêmico sobre o estudo das “ciências históricas”, isto é, a diversidade de enfoques que surgiram no decorrer do século XX, principalmente na segunda metade deste século, motivados pelo surgimento de diversas teorias que visavam implementar uma maior dinâmica na historiografia; segundo os principais expoentes deste novo pensamento, isto seria alcançado através da obtenção de novos mecanismos metodológicos que possibilitassem a aproximação com as outras ciências do homem. Imbuído desse pensamento, Cardoso afirma que “O motor da evolução recente da história foi, pois – e continua a sê-lo – o contato com outras ciências do homem” (1990, p. 24).

Mais do que implementar uma dinâmica nova na historiografia, os historiadores do século XX, em sua maioria, queriam reformular e/ou diversificar o seu objeto de estudo, ou seja, o homem. Essas mudanças no pensamento e na forma de se fazer história não se fizeram de forma homogênea, de maneira que formas novas e formas tradicionais de pensamento histórico ainda são usadas. As formas tradicionais não desapareceram, pelo contrário, ainda perduram até nossos dias, pelo menos na historiografia oficial escrita pelos intelectuais orgânicos, e as formas novas também não podem ser entendidas como “uma só” forma de pensar a história, pois são várias as correntes de pensamentos que às vezes se aproximam e às vezes se

distanciam nas suas novas formulações.

A principal crítica que temos às formas tradicionais é a sua concepção linear e estática da história, na qual o historiador deixa de ser crítico-participante da história para ser um simples estabelecedor e ordenador de fatos através de documentos. Mas também não podemos esquecer ou desprezar esta concepção, pois, como escreveu François Furet, “a tendência totalizadora não deve ser afastada, por isso; mas deve ser preservada como horizonte do historiador, não como seu ponto de partida” (CARDOSO, 1990, p. 50).

Assim, também, as formas novas de pensar e de se fazer história não passam despercebidas pelas críticas, e a principal delas, nas palavras de Cardoso, seria que:

O movimento no sentido de atomização da história em disciplinas autônomas – história econômica, história demográfica, história social, história política, etc. – imposta pela crescente especialização provocada pelo refinamento técnico, atua contra a unidade da referida ciência, pois nem sempre se dá a síntese dos diversos campos de pesquisa histórica e, frequentemente, a especialização chega a tal ponto que os historiadores da economia ignoram tudo o que fazem os historiadores demográficos e estes não conhecem os resultados alcançados pelos historiadores sociais. (CARDOSO, 1990, p. 50).

A discussão utilizada por Ciro Flamorion Cardoso não seria bem uma crítica, mas um alerta para um possível esfacelamento da ciência histórica¹. Seja como for, acreditamos que os debates teóricos ocorridos, principalmente, nas últimas cinco décadas, serviram para um enriquecimento teórico-metodológico da história, bem como para a diversificação dos objetos de estudo da referida ciência. Acreditamos que, seja um estudo com base marxista (tradicional ou social anglo-saxão), seja um estudo didático – escola para séries iniciais com base positivista, seja um estudo dentro da perspectiva da nova história em qualquer das suas correntes, deve-se evitar

1 Às vezes, usamos o termo “Ciências Históricas” dependendo se estamos usando um pensamento da história em migalhas, termo usado, pejorativamente, inicialmente da história, ou se usando o pensamento de uma história total, sem divisões – pois este esfacelamento, segundo os críticos, além de desintegrar o estudo da história, pode aproximá-la e confundi-la com outras ciências, como a literatura, por exemplo.

a polarização teórica. Este pensamento de aproximação é hoje defendido por historiadores de várias correntes e com declarações diversas, como as de Eric Hobsbawm que afirmava não haver “nada de novo em ver o mundo de um microscópio, e não de um telescópio”, (referindo-se a macro e a micro-história), e afirma ainda que “considerava possível conjugar os dois níveis de observações” (VAIFAS, 2002, p. 144), Carlos Ginzburg em comentários as críticas de Tohn Elliot ao seu livro o queijo e os vermes afirma que é impossível se pensar a História por um só ângulo, ainda temos afirmações de autores como Ronaldo Vaifas que diz seja qual for a maneira de se conceder a História todas contribuem para melhor contemplamos as diversas camadas sociais (VAIFAS, 2002, p. 146), acreditamos que a conjugação teórico-metodológicas e de diferentes escalas nos proporciona ver diferentes ângulos da vivência humana.

2.1 A HISTÓRIA E AS PRINCIPAIS CORRENTES HISTORIOGRÁFICAS HOJE: BREVE LEVANTAMENTO SOBRE A HISTÓRIA RECENTE DA HISTORIOGRAFIA

Ao dedicar um espaço para uma breve reconstrução das correntes historiográficas vigentes, não temos a intenção de construir aqui um historicismo do marxismo, positivismo, estruturalismo ou nova história, contemplando todo o desenvolvimento das referidas correntes, apenas queremos criar um ambiente propício para a discussão teórico-metodológica que envolve este trabalho, mostrando que uma história total ou parcial não nos interessa. O que queremos na realidade não são apenas explicações, mas problematizações, e acreditamos que a melhor maneira de explicar e problematizar a história é através da variação de enfoques teórico-metodológicos, mas tendo sempre em mente as célebres palavras de Lucien Febvre:

Repito, portanto: não a história econômica e social. Há somente história em sua unidade. A história que é por definição social em minha opinião a história é o estudo cientificamente elaborado das várias atividades e das diversas criações dos homens de outros tempos, capitados em sua data, no marco de sociedade externamente diferentes e, no entanto,

comparáveis umas as outras (o postulado e da sociologia); atividades e criações com que cobriram a superfície da terra e a sucessão das eras (CARDOSO, 1990, p. 348).

Podemos assim dizer que as novas tendências que surgiram no século XX não são uma ruptura com a formação de novas ciências, mas é, sim, a ciência histórica sob outras perspectivas. A diferença reside, por exemplo, nos casos da separação da História com a Literatura e a Filosofia no século XIX, onde se deixou de seguir o modelo Kantinianos² e aderindo a um modelo descartiano³, nestes casos houve ruptura; e o exemplo da ciência jurídica que apesar de várias especializações ceguem um ramo de princípios gerais. Como nos propomos no início do item exposto, não tentaremos aqui esgotar o assunto, mas nos deteremos a duas correntes que dão um embasamento para a pesquisa que trabalharemos no capítulo seguinte, sem falar que ambas são as que estão mais em uso na nossa historiografia hoje, isso é, a corrente marxista e as correntes da nova história, não descartamos com isso a utilidade da corrente positivista, considerando-a útil para fins didáticos em séries iniciais.

2.1.1 O Marxismo e sua influência na historiografia

O movimento em pró de uma história marxista fortificou-se depois da revolução russa de 1917, mais anterior a este revolução podemos citar atores como Volgin, Tarlé, Pokrowsky, sabendo as obras e os autores com este enfoque teórico eram escassos. Temos dois períodos distintos dentro da historiografia marxista, um que podemos chamar de dogmáticos e outro que poderemos chamar de pós-lenista (CARDOSO, 1990).

No período ao qual chamamos dogmáticos temos como obra de base o texto de Stalin O Materialismo histórico e o materialismo dialético, que estabelecia cinco estágios dentro do desenvolvimento histórico (CARDOSO, 1990, p. 72). Estas etapas de desenvolvimento seriam as comunidades primitivas, escravis-

2 Cf. REIS, José Carlos. **A história entre a filosofia e a ciência**: sobre a mudança de perspectiva da historia no século XVIII e XIX. [S.l.]: [S.e.], 1999. p. 05.

3 Reis (1999, p. 19 apud Fustel de Coulanges) como primeiro historiador plenamente científico, e diz que ele se declarava discípulo do conceito científico de Descarte.

mos, feudalismos, capitalismo e socialismo. Este modelo admitia outros modelos, mas julgava que este modelo deveria ser atravessado por todas as sociedades.

Estas e outras idéias que podemos chamar de marxismo histórico dogmático não fugiam de uma linearidade percebida na historiografia positivista, além do mais a narrativa episódica não foi de todo excluída. Desta forma, pela sucessão dos fatos e das etapas já determinadas da historiografia, poderíamos dizer que a história era movida pelos sucessivos movimentos das diferentes classes sociais no decorrer dos séculos (REIS, 1999, p. 51). Nesse ponto, a história marxista dogmática aproxima-se de uma filosofia da história, passando a pesquisa histórica a ser mera ilustração de verdades consagradas (CARDOSO, 1990, p. 73).

Uma mudança significativa na forma de se fazer uma historiografia marxista aconteceu a partir da década de 50, vários motivos podem ser citados, como por exemplo: a abertura de países com outras tradições historiográficas a textos marxistas; a superação ao estalinismo dogmático; o advento de várias correntes, como o estruturalismo lingüístico e a antropologia que força a revisão de conceitos por parte da historiografia marxista (CARDOSO, 1990, p. 77-78). O que julgamos realmente importante é a mudança de enfoque geral do marxismo, isto é, a mudança que alguns autores marxistas fazem ao focar uma história social vinda de baixo, o que pode ser notado na obra de Edward Topson, “Eighteenth-century English society: class struggle without class?”, onde o autor analisa a vida do operariado inglês no século XVIII (VAIFAS, 2002, p. 59), outro autor que podemos classificar dentro dessa nova corrente marxista é Michel Vovelle, que tenta fazer uma relação entre a ruptura (marxista) e a longa duração (corrente das mentalidades da escola do *Annales*) em sua obra *Ideologias e mentalidades: um esclarecimento necessário* (VAIFAS, 2002, p. 31). A este autor o mesmo VAIFAS chamaria de “autor marxista das mentalidades”. Declarações como esta e as próprias obras publicadas a partir da segunda metade do século mostram uma clara mudança de enfoque, e também de diversificação e aprofundamento teórico, na historiografia marxista.

Mas seja pelos vários enfoques possíveis a partir de uma teoria marxista⁴, seja pela possibilidade de diferentes leituras das obras de Marx ou

4 Conferir Reis, capítulo 3.

formação de uma história de participação universal e não mais individual, a realidade é que a historiografia marxista contribuiu muito para uma nova forma de se ver e de se fazer história, como escreveu Lucien Febvre em sua obra *Annales d'histoire économique et sociale*, citado por Cardoso.

Pois é verdade que na atualidade um historiador, por pouco preparado que seja [...], está inevitavelmente impregnado de modo marxista de pensar, de comparar os fatos e os exemplos; e isto ocorre ainda que não tenha tido uma linha de Marx, mesmo eu se considere um fervoroso “antimarxista” em todos os sentidos, salvo no científico. Muitas idéias que Marx expressou com maestria penetraram, há muito, no fundo comum que constituiu o Caudal intelectual da nossa geração (CARDOSO, 1990, p. 82-83).

2.1.2 A escola dos annales e a nova história: o homem e suas várias produções sociais

No final da década de vinte do século passado, a historiografia passou por uma grande diversificação na forma de problematização do seu objeto de estudo, ou seja, o homem em suas diversas criações, vivências e relações sociais; mais precisamente no ano de 1929, com a criação da revista “*annales d'histoire économique et sociale*”, por Lucien Febvre e Marc Bloch; estes dois autores, antes de qualquer coisa, queriam, a partir desta revista, tirar a história do marasmo da rotina e “de seu confinamento em barreiras estritamente disciplinares” (LE GOFF, 2001, p. 29). Estes objetivos seriam alcançados através da aproximação com outras ciências sociais e com a ampliação do objeto de estudo da história, com o lançamento desta revista e aconsequente mudança na postura de muitos historiadores surgiu à escola dos annales ou escola francesa.

O que os maiores historiadores tem em consenso é que a escola dos annales, como a historiografia marxista, surgiu a partir do inconformismo com a escola metódica francesa, dita positivista, e sobre este assunto VAIFAS fala:

Denominada por muitos de “escola dos annales”, o grupo de historiadores liderados por Bloch e Febvre se constituiu,

antes de tudo, como um movimento. Uma sensibilidade, um conjunto de estratégias voltadas para combater o tipo de história predominante no século XIX e início do século XX [...] combatiam, pois, uma história somente preocupada com fator singulares, sobretudo com os de natureza política, diplomática e militar [...] (VAIFAS, 2002, p. 16).

Sobre este posicionamento de ruptura definitiva com a filosofia e contra a história positivista temos o pronunciamento de vários autores, como Ciro Flamorion Cardoso⁵, José Carlos Reis⁶, Jacques Le Goff⁷, entre outros, o que só vem reforçar a veracidade da informação de VAIFAS. Mas o que importa realmente não é o seu caráter antagônico com história linear positivista, mas sim o seu caráter revolucionário dentro da ciência histórica.

O que nos parece é que no decorrer dos seus quase 80 anos a escola dos *Annales* permanece mais ou menos unificada e apesar de já estar na sua terceira geração mantém o mesmo “espírito” investigador, pesquisador e problematizador da história. Na primeira fase da escola, logo após a criação da revista “*Annales d’histoire économique et sociale*”, por Lucien Febvre e Marc Bloch, o primeiro desejo era a abertura da história às demais ciências sociais e o desapego a uma história política, sobre a continuidade doutrinária entre as três gerações dos *Annales* Reis escreve:

[...] Haveria uma continuidade entre a “história global” dos fundadores e a “história *éclatée*” dos mais recentes? Os defensores do “espírito dos *Annales* costumam justificar uma continuidade apesar da descontinuidade entre as três gerações, pela fidelidade dos últimos desejos de Febvre e Braudel de manter a história sempre aberta a história efetiva e aos movimentos da história da ciência [...] (REIS, 1999, p. 58).

Desta forma, mesmo havendo uma descontinuidade, no sentido da orientação entre 1929 e 1946 (1ª geração) 1946 e 1969 (2ª geração) e a partir dos anos 1970 (3ª geração), houve uma manutenção de princípios dos funda-

5 Ver Cardoso, Capítulo I, II, IX.

6 Ver Reis, Capítulo IV.

7 Ver Le Goff (2001, p. 29-30).

dores⁸, que seriam: A interdisciplinaridade, a mudança do conceito de tempo e espaço na história, as estruturas econômicas, sociais e mentais, entre outros, quando dizemos que houve uma continuidade doutrinária dentro dos annales, não queremos dizer que não houve divergências e fricção dentro das suas tendências e conceituações, mas que a essência foi mantida. Tematicamente podemos dizer que: a primeira geração valorizou temas econômicos e sociais na tentativa de história total, a segunda geração priorizou temas demográficos e da civilização dentro de uma perspectiva de longa duração, sendo a terceira geração aquela que mais implementou mudanças no enfoque inicial dos annales ao promover “esmigalhamento” da história, fazendo com que ela deixe de ser “total”, para o “tudo ser história” (REIS, 1999, p. 69-82).

Enfim, seja pelas alianças primeiras com a sociologia, economia e a geografia, seja pelas outras alianças com a antropologia e literatura, a realidade é que as mudanças que ocorreram dentro da escola dos annales não mudaram o direcionamento inicial dos seus fundadores, mas observemos com cuidado esta terceira geração, pelo temor, como diria Reis “da perda de sua identidade enquanto história” (1999, p. 67). Acreditamos que esta corrente, associada a um viés marxista da história, torna a reconstrução e a problematização histórica mais próxima do homem e da sua realidade, pois o vê em todas as suas dimensões de vida e de espaço, por exemplo, o homem político, econômico, religioso, ou estes enfoques dentro de uma visão local ou regional, munido deste pensamento Cardoso escreveu:

[...] Tanto Marx quanto Febvre e Bloch acreditavam que não se pode compreender o passado fechando-se a seu próprio tempo. Tanto o marxismo quando a “escola dos annales” são partidários da íntima colaboração da história com as ciências humanas (CARDOSO, 1990, p. 479).

É necessário um esclarecimento sobre o que é história local e sobre macro e micro análise História. No início do século XX, e durante todo XIX, a historiografia positivista dá pouca, ou nenhuma, ênfase à história local e regional. Isto se dá, obviamente, porque esta historiografia estava preocupada com os “heróis”, com seus feitos, com os fatos políticos, com

8 Ver Le Goff (2001, p. 37) e Reis, p. 63.

os grandes nomes (REIS, 1999). Com as mudanças ocorridas na historiografia no decorrer do século XX, trazidas principalmente pela historiografia marxista e da escola dos annales, a história local, regional e cotidiana passa a ser valorizada, e isso se deu por vários motivos. Segundo as palavras de Cardoso, alguns desses motivos seriam:

- Trata-se de uma unidade de análise apropriada enquanto, até o século XVIII, a vida cotidiana dos homens foi muito mais assinalada pelo peso da região do que pelo da nação do que pelo da nação [...]
- O estudo possibilita um trabalho artesanal de historiador, que se vale de, praticamente, toda a documentação disponível [...]
- O estudo regional permite seguir a evolução de um grupo social a longo prazo, analisando distintos níveis estruturais (CARDOSO, 1990, p. 473-474).

A estes motivos citados por Cardoso poderiam ser acrescentados outros tantos, mas, para firmar a conceituação sobre a importância da história local e regional, ficamos com o pensamento de Janaina Amado, em seu artigo publicado em “República em migalhas”, onde ela mostra que o estudo regional mostra novas óticas se comparado à historiografia nacional, como os aspectos culturais e sociais, e a grande diferença entre a historiografia nacional e regional é que a primeira ressalta as semelhanças e a segunda as diferenças e multiplicidades (AMADO, 1989).

Apesar de sabermos a importância de uma escrita historiográfica regional e local no contexto atual, o que vem a ser realmente história regional e local? Pelo menos três pontos têm que ser analisados para se responder a esta pergunta, um histórico, um geográfico e um econômico. Na questão econômica, temos uma definição mais ampla, pois uma região econômica pode englobar várias regiões geográficas e históricas, e pode também variar no decorrer da história⁹. Assim, podemos dizer que a União Européia, por exemplo, é uma região ou “especialidade econômica”¹⁰ que engloba regiões históricas e geográficas, e que a “especialidade econômica” de Mossoró pode variar no decorrer dos anos de

⁹ Sobre esta possibilidade, ver LE GOFF (2001, p. 51-52) e CARDOSO (capítulo IX).

¹⁰ Sobre conceitos geográficos de espaço, Cf: CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

acordo com a variação de sua importância econômica para a região oeste do Rio Grande do Norte (ROCHA, 2005). Já o plano geográfico e histórico pode se aproximar ou se distanciar, dependendo da base teórica em que o pesquisador apóia-se. Por exemplo, na geografia crítica Silveira diz que geografia é o espaço geográfico da produção humana, isto é, como espaço social (SILVEIRA, 1989), nesta concepção, a geografia aproxima-se do conceito histórico, já na concepção tradicional da geografia, o espaço regional é caracterizado apenas pelas suas características de físicas, clima, relevo, e neste ponto distancia-se do conceito histórico, então diríamos que "Pensar em estudo regional implica analisar uma singularidade na totalidade sob um movimento dialético entre a macroistória e a microistória" (Caimi 2002, p. 223).

Acreditamos que a conceituação da história local e regional deve passar por uma aproximação com uma conceituação geográfica de vertente crítica, pois, além de definir a região produto da ação do homem e de sua socialidade, também a define como um recorte territorial onde a região é uma parte de algo maior, que é delimitado para ter uma aproximação com o real. Ligamos este conceito geográfico ao pensamento do vários historiadores, dos quais citaremos três, a saber Michel Foucault, Michel de Certeau, José Felipe Alves Lacerda¹¹. Para Foucault, as "esferas" de poder, que não são apenas estatais, contribuem através da vigilância, da regulação cotidiana e do poder de discursos, entre outras formas de "táticas legítimas", para a manutenção de uma determinada organização social (FOUCAULT, 1990). Segundo De Certeau, os nomes, os símbolos, o imaginário, têm uma função de "criar um lugar", de orientar, de ordenar, de hierarquizar, no intuito de formar um "espaço", e para Felipe o lugar é um local onde se constrói símbolos ligando um povo as elites que os comanda (FELIPE, 2001, p. 9).

Desta forma, poderíamos fechar uma conceituação de lugar, região e local como sendo um espaço menor dentro de um mais amplo, sendo que estes dialogam, mas o local tem suas particularidades. Este espaço é formado a partir das relações sociais humanas e não pode ser dissociado da história criada por suas elites, que no decorrer da história desse lugar específico criaram símbolos que povoam o imaginário local, a história regional e local, então seria a história dentro destas perspectivas, a partir deste entendimen-

11 Ver Rocha, Aristotelina Pereira Barreto (Prefácio).

to podemos dizer micro e macro análise é o estudo amplo, de um grande enfoque, ou pequeno, de uma, de uma parte de um todo.

3 OS EXCLUÍDOS: UMA RECONSTRUÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA E ECONÔMICA DO ENVOLVIMENTO COM ENTORPECENTES NA CIDADE DE MOSSORÓ/RN (1986 À 2003)

Ao começarmos a desenvolver um tema que envolve uma grande interdisciplinaridade tínhamos em mente a obra de “Michelle Perrot”, Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros, que tenta mostrar a relação entre a exclusão social e a criminalidade, e é isto que procuraremos provar, principalmente no que diz respeito ao envolvimento com entorpecentes¹².

O tema do capítulo busca assim a articulação da história em suas duas correntes mais fortes, que seria o viés local e regional da escola dos annales e a importância do fator econômico e estrutural da escola marxista. A delimitação temporal e espacial foi escolhida não só pela justificação da base teórica, mas pela possibilidade de se conhecer melhor o objeto estudado quando o delimitamos. Desta forma, tentaremos reconstruir historicamente o local e a sua instituição jurídica bem como o perfil social dos envolvidos com entorpecentes. Os dados para formar este perfil foram colhidos da 5ª Vara Criminal da Comarca de Mossoró.

Por fim, buscaremos trabalhar a história recente de Mossoró, observando o seu crescimento a partir da década de 1980 e começar esta história de baixo, ou seja, daqueles que não acompanharam o crescimento econômico e urbanístico da cidade. Enfim, é uma história social que vai da periferia para o centro e que tentará colocar na “História” os que foram excluídos dela, tudo isso com a criticidade necessária ao historiador e o absorção de outros campos das ciências sociais para melhorar a análise e se aproximar da realidade.

3.1 CARACTERIZANDO O LOCAL: RECONSTRUÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA E ECONÔMICA DE MOSSORÓ (RN)

Como disse Felipe (2001), não podemos conhecer o lugar apenas pela

12 O crime de tráfico de entorpecentes é tipificado na lei 11.343/2006 e é também considerado equivalente ao crime hediondo pela Lei nº 8.072/1990.

sua localização geográfica, mas conhecendo seu imaginário, ou seja, aqueles pensamentos que regem suas vivências, mas antes de conhecermos melhor as estruturas do município de Mossoró, julgamos complementar dizer que este município está situado no Nordeste Brasileiro, em uma região escassa de recursos naturais, isto é, a região semi-árida, no Estado do Rio Grande do Norte, na parte oeste do Estado, em uma micro-região que leva seu nome.

No início de sua formação, Mossoró originou-se da pecuária, isto é, a partir de uma fazenda de gado e da capela de Santa Luzia, próximo à margem do rio Apodi-Mossoró, e até aí não tinha nada que a tornasse muito diferente de outras cidades do Nordeste, isto por volta da segunda metade do século XVIII (FELIPE, 2001), estes relatos mostram uma tendência inicial de Mossoró para a pecuária, algo que mudaria cerca de um século depois, por volta de 1860, quando a cidade passou a receber, regularmente, a escala da “Cia Pernambucana de Navegação Costeira”, o que fez com que as relações comerciais com Aracati, no Ceará, diminuíssem e Mossoró aumentasse a sua influência comercial na região, isto beneficiado pela sua boa localização próxima ao litoral e não fora do sertão (ROCHA, 2005).

Após esse período inicial, onde Mossoró passa do eixo econômico pecuário para o econômico comercial, vem um período de intenso crescimento urbano que merece destaque, em comparação com o Brasil, Nordeste e com o Rio Grande do Norte, segundo Coelho (2006, p. 51)

[...] Mossoró teve um crescimento diferenciado do Nordeste, Brasil e Rio Grande do Norte, indicando um rápido processo de urbanização determinado pelo fluxo migratório com o esvaziamento das áreas rurais [...] especialmente na década de 1980, motivado pelo crescimento econômico.

Esta afirmação pode ser confirmada pela demonstração dos dados do plano diretor de desenvolvimento da cidade, que mostra a cidade com uma população de 20.300 habitantes em 1920 e 224.910 em 2004, um crescimento de quase 1.100% em pouco mais de oitenta anos, em termos percentuais, principalmente nas décadas de 1960, 1970 e 1980, quando Mossoró chegou a crescer 7,65% ao ano enquanto que o Brasil 3,43%, o Nordeste 2,38 e o Rio Grande do Norte 2,35% (MOSSORÓ, 2005 apud

COELHO, 2006). Para uma melhor visualização dos dados, observemos o gráfico abaixo:

Evolução da população no Brasil, Nordeste, Rio Grande do Norte e Mossoró (1920 – 2000).

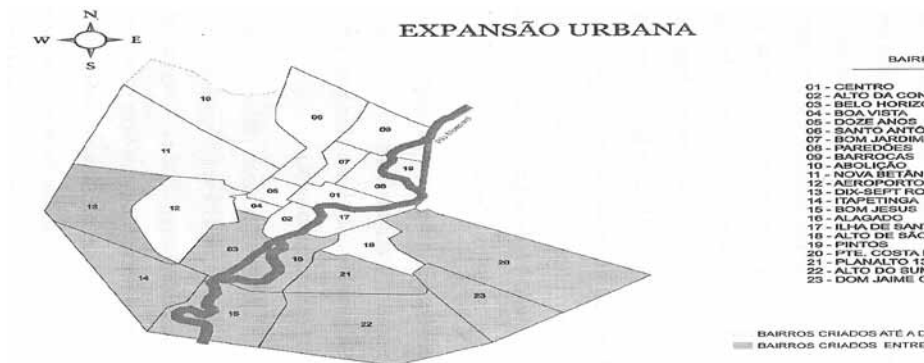
	1920	2004# Os números referentes a 2004 são estimados pelo próprio IBGE, pois o referido instituto não realizou censo neste ano.#	PERCENTUAL DE CRESCIMENTO
Brasil	30.635.605 Milhões	Mais de 180 Milhões	500 % Aproximado
Nordeste	11.245.921 Milhões	Mais de 50 Milhões	540 % Aproximado
Rio G. do Norte	537.135 Milhões	2.926.096 Milhões	550 % Aproximado
Mossoró	20.300 Mil	224.910 Mil	1.100 % Aproximado

Fonte: IBGE

Em um terceiro momento, diríamos que a acumulação de capital da época do empório comercial gerou aquela atividade que daria ao município de Mossoró a consolidação definitiva como cidade pólo na região onde está situada, ou seja, as atividades salineiras e agroindustriais. Neste ponto Mossoró não divergia das outras cidades em diversas partes do mundo, também rendendo-se ao capitalismo industrial.

As áreas de atuação industrial de Mossoró eram as mais variadas, sendo inicialmente a indústria salineira a sua principal representante, após aparecendo as atividades agro-industriais, isto se deu durante todo o século XX, sendo que no último quarto do referido século houve uma diminuição da atividade industrial salineira, mas em contrapartida a ascensão de uma nova atividade, a petrolífera, que se consolidou principalmente a partir da década de 1980, com a instalação definitiva de uma sede Petrobras, o que foi basilar para o crescimento da cidade para o lado leste, isto é, para o bairro do Alto de São Manoel, e isto fica mais claro

quando observarmos a figura abaixo:
Expansão Urbana de Mossoró.



Fonte: ROCHA, 2005, p. 107.

Por fim, podemos dizer que a cidade de Mossoró, em torno de duzentos e cinquenta anos, desde a Fazenda de criação de gado pelo Sargento-Mor Antônio de Souza Machado até os dias atuais, passou por uma intensa movimentação econômica, que se fez de forma discreta nos momentos em que girava em torno da pecuária, e foi acelerando com a ascensão da cidade às categorias de freguesia, vila e cidade, respectivamente, e também com as mudanças do eixo econômico para o econômico e posteriormente para o industrial. Estas mudanças econômicas fizeram-se de forma lenta e gradual, mas o que se fez de forma constante foi o crescimento da cidade em termos populacionais, urbanísticos e econômicos¹³, isto influenciado por diversos fatores de eixo econômico, entre outros, mas este crescimento pode ser melhor comparado se observarmos as obras de José Felipe Lacerda e Maria Ivonete Soares Coelho onde nos croquis e plantas da cidade do século XVIII, XIX e XX vemos que do século XVIII para o XIX a cidade quase não dobrou, já do XIX para o vinte ocorreu um crescimento superior a dez vezes, este crescimento deu-se principalmente nas últimas três décadas do século XX. A pergunta é: Será que o desenvolvimento da cidade foi repassado como melhoria de vida para toda a população? A esta pergunta tentaremos dar resposta no item 3.3 deste trabalho.

13 Para obtenção de dados mais detalhados sobre o crescimento econômico nos aspectos populacionais, urbanos e econômicos ver ROCHA (2005) e COELHO (2006).

3.1.1 Caracterizando o local: Mossoró hoje

Como já falamos anteriormente, Mossoró em 2004, segundo estimativas do IBGE, contava com 224.910 habitantes, sendo que quase 50% viviam sem renda fixa, quase 25% viviam com renda de até um salário mínimo, ou seja, mais 70% da população viviam com apenas um salário mínimo para as condições básicas de vida (IBGE, 2004 apud COELHO, 2006). Também segundo dados do Ministério do Trabalho e do Cadastro Geral de Empregos e Desempregos (CAGED), Mossoró está abaixo da média nacional e estadual na oferta de empregos.

Para complementar este cenário, segundo dados do Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (IPEA), houve uma diminuição da participação da indústria no Produto Interno Bruto (PIB) do Município a partir do final da década de 1980 e início de 1990, o mais que foi, relativamente, compensado pelo crescimento do setor de serviços (IPEA apud COELHO, 2006). Seria esta mais uma mudança no eixo econômico da cidade? Não dá para afirmar, mas podemos dizer que tais mudanças têm deixado boa parte da população numa situação de subemprego e renda.

No que se refere à infra-estrutura, Mossoró conta com 91 estabelecimentos de saúde, segundo dados do IBGE (2005), contando ainda com 305 instituições de ensino, desde creches, escolas de ensino fundamental, médio e superior, para atender à zona rural e urbana (COELHO, 2006). Já na área de segurança, a cidade conta com 09 delegacias de polícia civil, cerca de 65 agentes e escrivões e 14 delegados, 01 batalhão de Polícia Militar e com uma delegacia de Polícia Federal¹⁴.

Todos esses dados nas áreas de saúde, educação e segurança mostram sem dúvida uma estrutura razoável para o porte da cidade, principalmente se compararmos o crescimento na infra-estrutura da segurança¹⁵, por exemplo, onde na década de 1980 a polícia militar tinha apenas 02 viaturas diárias, ou nos três primeiros anos do século XXI, onde disponibilizava de 06 viaturas. E a polícia civil, que disponibilizava de um número de policiais cinco vezes menor no início da década de 1990. Todos esses quadros mos-

14 Não foi possível precisar os dados referentes à Polícia Federal.

15 Não relatamos dados para a comparação da infra-estrutura de saúde e educação por não dispormos desses dados.

tram uma crescente necessidade do aumento do aparato policial causado por dois motivos: um seria o crescimento do fluxo financeiro na cidade; e o outro seria a não participação de toda a população neste fluxo, o que deixaria margem para o adentramento na criminalidade da parte excluída desta população. Foi neste cenário e sobre estas perspectivas que trabalhamos o item 3.3, mas antes se faz necessário esclarecer alguns pontos sobre o local de realização das nossas pesquisas, ou seja, a Comarca de Mossoró e a 5ª Vara Criminal da mesma.

3.2 A COMARCA DE MOSSORÓ E A 5ª VARA CRIMINAL: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O Rio Grande do Norte por muito tempo teve seu desenvolvimento retardado por estar administrativamente ligado a Pernambuco e juridicamente ao Estado da Paraíba. Não nos deteremos aqui a mudanças no quadro administrativo, apenas falaremos da “emancipação” jurídica em relação ao estado da Paraíba, o que se deu em 1892, mais exatamente no dia 09 de junho, através da lei nº 12, sancionada pelo Governador Pedro Velho.

A partir de então, o Estado começou a se desenvolver juridicamente, mas a comarca de Mossoró surgiu bem antes, mais exatamente no dia 23 de maio de 1861¹⁶, quando juridicamente o estado ainda estava ligado ao estado da Paraíba. Neste desmembramento, Mossoró retirava-se do poder Jurídico exercido por Assu, mas do poder político-administrativo só em 1870, quando se elevou à categoria de cidade, obtendo sua emancipação (ROCHA, 2005).

Em 1999, através da Lei Complementar 165, de 28 de abril, o estado ganhou a atual Organização Jurídica, que tinha em seu projeto a Criação de cinco varas criminais, mas isto não foi mantido no texto que foi aprovado. Desta forma, até o dia 05 de maio de 2005, com criação da Lei Complementar 294, a Comarca de Mossoró não contava com uma 5ª Vara Criminal, como estava no projeto da lei aprovada em 1999. A partir de maio de 2005, com a criação e instalação da 5ª Vara Criminal, os processos que estavam tipificados no art. 12 da lei 6.368/76, ou seja, os crimes de tráficos de entorpecentes, que

16 Através da Lei Nº 499.

estavam arquivados ou ativos na 4ª Vara Criminal, foram enviados para a 5ª Vara Criminal, bem como os processos arquivados¹⁷ em outras Varas.

3.2.1 Os excluídos: uma reconstrução do envolvimento com entorpecentes à luz da análise dos dados pesquisados

A coleta dos dados aconteceu nos meses de abril, maio e junho, sendo coletados os dados de 200 processos¹⁸ e trabalhados os seguintes aspectos: escolaridade, sexo, estado civil, idade, profissão, data e local de autuação. A partir da interpretação desses dados e de outros coletados através do atendimento de ocorrências da Polícia Militar, o que nos possibilitará uma comparação, por exemplo, entre os bairros com maior índice de outros crimes e as prisões por tráfico para, a partir daí, formar um quadro de bairros de maior incidência criminal e a sua relação de maior ou menor grau de exclusão.

No primeiro momento formou-se o seguinte:

Tabela 1 - Incidência de Criminalidade nos Bairros com relação ao Sexo

SEXO	PERCENTUAL DE ENVOLVIMENTO
Homens	92,5% ou 185 casos
Mulheres	7,5% ou 15 casos

Fonte: Coleta Direta de Dados

Como observamos no gráfico acima, a presença das mulheres na criminalidade ainda é extremamente pequena em relação à dos homens.

Como o tema do presente trabalho trata de um período de 18 anos, compreendidos entre 1986 e 2002, não podíamos deixar de explicar porque foi escolhido esse período. A explicação está justamente

17 Só foram enviados os processos encontrados, é possível que existam processos arquivados desta especificidade de crime que não foram encontrados.

18 Foram coletados cerca de 350 processos na 5ª Vara Criminal e na Vara Especial criminal, os 150 não constam na interpretação que trabalhamos, pois são processos tipificados no artigo 28 da lei 11.343/06, ou seja, consumo de entorpecentes. No início da pesquisa tínhamos a intenção de trabalhar com o universo de tráfico e do consumo, isto sendo posteriormente abandonado, por necessitar de maior tempo e pesquisa, mas podendo ser trabalhado em um trabalho posterior.

na data mais antiga da autuação de um réu que constava na 5ª Vara Criminal. Vejamos como se distribuíram, no decorrer dos anos, os 200 processos pesquisados:

Tabela 2 - Ocorrências na cidade de Mossoró (1986-2003)

Ano	Quantidade de Ocorrências
1986	01
1987	04
1988	02
1989	01
1990	01
1991	00
1992	07
1993	04
1994	07
1995	16
1996	30
1997	30
1998	29
1998	28
2000	25
2001	07
2002	07
2003	01
Total	200

Fonte: Coleta Direta de Dados

Como podemos perceber, entre 1986 e 1991 concentraram-se apenas 4,5% dos processos com condenação; entre 1992 e 1997, concentraram-se 47%, o que significa um aumento superior a 1.000% entre um período e outro; no período seguinte, entre 1998 e 2003, concentraram-se 48,5%, um aumento em relação ao segundo período estudado, algo que pode ser agravado se levarmos em conta que dentro da última faixa de tempo não constam processos que ainda não foram julgados, o que poderia aumentar a margem

de diferença entre o primeiro e o segundo período. Estes dados também mostram que o envolvimento com entorpecentes vem aumentando, mesmo com o crescimento econômico da cidade, mas o crescimento do envolvimento com entorpecente também pode ser justificado pelo aumento populacional e por consequência deste aumento econômico não ser igualitário.

Um outro quadro, que demonstra o problema da periferia, e que apresenta entre as camadas mais pobres uma maior disseminação do tráfico de entorpecentes, é o demonstrativo das prisões por bairro de autuação:

Tabela 3 - Demonstrativo de prisões por zona de localização dos bairros

ZONA	QUANTIDADE	PERCENTUAL
Norte	92	46 %
Sul	26	13 %
Leste	42	21 %
Oeste	13	6,5 %
Locais Diversos	27	13,5 %

Fonte: Coleta Direta de dados

Como podemos perceber, a Zona Norte concentra 46% dos casos estudados, sendo 46 ocorrências no Santo Antonio, mesmo não sendo a parte mais populosa da cidade é onde se concentra boa parte da população pobre da cidade. Por outro lado, nos conjuntos habitacionais, da zona oeste onde a população tem um maior poder aquisitivo, temos apenas 6,5% dos casos e o maior número de ocorrências é justamente em uma favela, a do fio com 6 casos. Na zona Leste, onde se concentra o maior crescimento da cidade, estão 21% dos casos, sendo o alto de São Manoel, com 16 casos, o bairro com maior incidência. A zona sul fica com 13% sendo o Aeroporto II e o carnaubal os bairros os de maior incidência com 05 cada. Enquanto o centro, sistema prisional, zona rural, entre outros ficam com 13,5% sendo efetuado, deste total, 13 prisões nas rodovias federais.

Todos estes dados já nos dão uma idéia do quadro onde está localizada a maior concentração de prisões e condenações, ou seja, homens de bairros pobres, com destaque para o rápido aumento na década de 1990, mas os da-

dos que julgamos imprescindíveis para o posicionamento sobre a influência ou não da exclusão social no envolvimento com entorpecentes e com outros crimes estão nas informações dos dados abaixo, sobre o analfabetismo, profissões e faixa etária, onde podemos comparar com os dados do “1º levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil – 2001”, vejamos:

Tabela 4 - Profissões dos Envolvidos com Entorpecentes.

PROFISSÃO	QUANTIDADE
Autônomo	30
Servente de Pedreiro	24
Comerciante	17
Pintor	14
Operário Braçal	15
Desocupado	13
Mecânico	07
Pedreiro	07
Moto táxi	06
Motorista	06
Do Lar	05
Agricultor	05
Eletricista	05
Padeiro	06
Crediarista	03
Artesão	03
Oleiro	01
Tec. Em refrigeração	01
Soldador	01
Músico	03
Garçom	02
Pescador	01
Aposentado	01
Encanador	01
Enfermeiro	01
Costureira	01

Corretor	02
Palhaço	02
Lavador de carros	04
Pizzaiolo	01
Funcionário público	01
Fotógrafo	01
Serralheiro	01
Cabeceiro	02
Estofador	01
Marchante	01

Fonte: Coleta Direta de Dados

Como podemos perceber, a grande maioria das profissões dos envolvidos pesquisados exige pouca ou nenhuma qualificação, o que será confirmado pelo próximo quadro.

Tabela 5 - Escolaridade dos Envolvidos com Tráfico de Entorpecentes em Mossoró/RN

ESCOLARIDADE	PERCENTUAL
Analfabeto ou ensino fundamental incompleto	88,5 %
Ensino fundamental completo	5 %
Ensino Médio incompleto	3,5 %
Ensino Médio Completo	2,5 %
Superior incompleto	0,5 %
Superior Completo	0 %

Fonte: Coleta Direta de Dados

É bom perceber que nos dados de Carlini (2005) a situação é melhor do que as de Mossoró, com a ressalva de que os nossos dados são sobre tráfico de entorpecentes e os de Carlini são sobre consumo, mas que nos servem para comparação, já que a maioria dos traficantes presos é de pequeno porte e vendem para sustentar o vício.

Por fim, trabalhamos com a faixa etária, que mostrando os seguintes pontos:

Tabela 6 - Faixa Etária dos Envolvidos com Tráfico de Entorpecentes em Mossoró/RN

FAIXA ETÁRIA	PERCENTUAL
Dos 18 aos 27 anos	54 %
Dos 28 aos 37 anos	34 %
Dos 38 aos 47 anos	8,5 %
Dos 48 aos 57 anos	2,5 %
Dos 58 aos 67 anos	1 %

Fonte: Coleta Direta de Dados

Para entendermos melhor o quadro que estamos montando como perfil dos envolvidos com tráfico de entorpecentes na cidade, se compararmos com as informações de Carlini (2005), que mostram que 72% dos envolvidos com entorpecentes estão nas classes C e D, e os dados que colhemos e traçamos, temos o seguinte perfil: a maioria dos envolvidos com tráfico em Mossoró são homens, sendo que 54,5 do envolvidos são solteiros, vivem em bairros periféricos e pobres, com baixa escolaridade e desempenhando profissões que exigem pouca ou nenhuma qualificação.

Mas uma pergunta ainda está sem resposta necessária. Existe relação entre a exclusão, o tráfico de entorpecentes e outros crimes? Relataremos alguns dados obtidos junto à polícia militar sobre o atendimento a ocorrências dos crimes mais corriqueiros, nos meses de abril e maior de 2005¹⁹; nos crimes de arrombamento, furto a pessoa, homicídio, porte ilegal de armas de fogo, disparar de arma de fogo, entre outros, o bairro campeão em todos foi o Santo Antônio com 03 homicídios, dois a mais do que o segundo colocado, 12 roubos, cinco a mais que o segundo colocado o mesmo bairro de maior incidência deste tipo, entre outros crimes que poderíamos citar.

Vejam os dados de diversos de janeiro a maio de 2005 e 2006 para podermos comparar os diversos tipos de crime o crescimento no número de ocorrências:

Comparativos das principais ocorrências na Cidade de Mossoró/RN – 2005/2006.

19 Não foram encontrados dados entre os anos de 1986 a 2003.

NATUREZA DA OCORRÊNCIA	2005	2006										
	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	TOTAL	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	TOTAL
Ameaça	74	40	52	69	51	286	81	63	77	94	73	388
Arrombamento	71	53	47	48	67	286	56	68	52	75	92	343
Atentado ao Pudor	05	03	02	00	01	11	10	07	03	04	04	28
Disparo de Arma de Fogo	16	17	17	12	12	74	30	19	23	31	40	143
Elemento suspeito	223	133	139	187	236	918	221	253	214	332	277	1297
Embriagues e Desordem	290	211	186	119	44	850	318	339	379	64	23	1123
Encontro de Cadáver	02	02	01	03	03	11	02	02	04	03	05	16
Furta a Pessoa	09	06	04	36	21	76	24	27	16	26	41	134
Furto de Veículos	08	06	05	06	03	28	06	06	09	15	04	40
Homicídios	02	04	02	02	04	14	01	02	01	08	03	15
Porte Ilegal de Arma	02	10	04	02	02	20	05	02	07	17	07	38
Roubo a Est. Comercial	05	03	02	06	10	26	08	11	08	26	14	67
Roubo a Pessoa	37	44	36	06	43	166	69	81	84	101	62	397
Roubo a Veículo	01	04	04	07	11	27	14	18	24	14	18	88
Tentativa de Homicídio	06	04	07	05	03	25	06	10	13	07	07	43

Fonte: 2º Batalhão de Polícia Militar, 2006.

Como podemos perceber, assim como ocorreu um crescimento no número de autuações por tráfico de entorpecentes também vem acontecendo um aumento no número de ocorrências nos mais diversos, tipos de crimes.

Com estas afirmações, não queremos dizer que estes crimes têm as mesmas motivações, mas que o quadro de crescimento urbano da cidade, não tendo alcançado toda a população, antes deixando grande parte desta população à margem, principalmente a de periferia, cria um ambiente propício para a violência e para a criminalidade.

4 CONCLUSÃO

Tivemos, no decorrer do nosso trabalho, duas preocupações principais. A primeira foi com a justificação teórico-metodológica, pois carecíamos de argumentos teóricos bem definidos para alicerçar a nossa pesquisa; a segunda foi com a neutralidade na hora da demonstração dos dados, para que um posicionamento para um ou outro viés de interpretação não demonstrasse um cenário definitivo sobre o tema estudado, causando, com isso, a sensação de que os resultados é um retrato fiel e definitivo da realidade.

Para a questão teórico-metodológica, encontramos a solução na união teórica entre as teorias marxistas e da escola dos annales, em que abordamos o econômico e o social, mas também enfocamos o regional, o cotidiano e o político, ou seja, encontramos, na união de vários enfoques teóricos, uma forma de justificar o tema voltado para a história, para a exclusão social e para a criminalidade como fator influenciado por essa exclusão. Para o segundo ponto, usamos a discriminação dos dados da pesquisa sem um grande debate sobre os resultados, pois acreditamos que os resultados são claros, mostrando um quadro onde os envolvidos com tráfico de entorpecentes na cidade de Mossoró são historicamente de bairros pobres, com baixa escolaridade e de profissões com pouca ou nenhuma qualificação, o que mostra um quadro de exclusão social.

Deixamos apenas um alerta a respeito do envolvimento com entorpecentes, tráfico e consumo, por pessoas da classe média ou de outras camadas sociais, mais ricas, que não aparecem, ou aparecem pouco, nas nossas estatísticas. O alerta seria por não pensarmos que estas classes, “não excluídas”, não passam por pro-

blemas de envolvimento com entorpecentes. O que acontece, na realidade, é que estas pessoas não são encontradas pela nossa estrutura jurídica e policial, ou os números são, apenas, menores que nas classes excluídas socialmente, mas para comprovar estas afirmações seria necessária uma outra pesquisa, mais ampla e que usasse outras fontes que não fossem os registros oficiais.

Acreditamos que o sistema prisional contribui para que estas camadas sociais permaneçam excluídas, isso pelo poder excludente causado a partir da condenação de alguém, algo que também merece a nova pesquisa, pois o ambiente de preconceito que envolve o preso é propício para a reincidência e não para a recuperação. Este nosso pensamento reforça-se nas palavras de Foucault (1996) e de Perrot (1989), que reforçam que a prisão deve ser um local de recuperação e não só de punição. Foucault vai mais além quando diz que “a prisão longe de recuperar o prisioneiro o afunda ainda mais na criminalidade” (1996, p. 132) e que “na sociedade capitalista e burguesa a prisão serve como, por exemplo, para que os outros não caiam lá” (1996, p. 132-133).

Por todos estes fatos, julgamos que uma pesquisa como esta, deve ser ampliada e trabalhada sob várias perspectivas, para uma melhor compreensão dos problemas levantados, por isso acreditamos que a maior utilidade deste trabalho é a motivação que ele pode trazer para o Departamento de História da UERN, bem como para os outros cursos da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais – FAFIC, uma motivação para a pesquisa e redação de trabalhos nesta área de fundamental importância na sociedade atual.

REFERÊNCIAS

AMADO, Janaina. História e região: reconhecendo e construindo espaços. In: SILVA, M. A. (Org.). **República em migalhas**: história regional e local. São Paulo: Marco Zero, 1989.

CAINI, Flávia Eloísa. **O livro didático e o currículo de história em transição**. 2. ed. Passo Fundo/RS: Universitária UFP, 2002.

CARDOSO, Ciro Flanarion. **Os métodos da história**. Tradução de João Maia. 5 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

COELHO, Maria Ivonete Soares. **Municipalização da assistência social e desenvolvimento local:** um estudo da política municipal de assistência social de Mossoró/RN (1996 a 2005). Dissertação de Mestrado. Mossoró: UERN, 2006.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial.** 5. ed. São Paulo: Ática, 1995.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano.** Tradução de Ephaim Ferreira Alves. Petrópolis/RJ: Vozes, 2004.

FELIPE, José Lacerda Alves. **A (re) invenção do lugar:** os Rosados e o País de Mossoró. João Pessoa: Grafset, 2001.

FOUCOLT, Michell. **Microfísica do poder.** Tradução de Roberto Machado. 12. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1996.

GALDORÓS, José Carlos F.; NOTO, Ana Regina; SOLANGE, A. I. **Levantamento domiciliar sobre o uso de psicotrópicos no Brasil.** UHC, 2001.

GOFF, Jacques Le. **História e memória.** Tradução de Bernardo Leitão. 4 ed. Campinas/SP: Unicamp, 1996.

_____. **A nova história.** Tradução de Eduardo Brandão. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GUAZZELLI, César Augusto; PETERSEN, Silvia Regina Ferraz; SHMIDT, Benedito Bisso; XAVIER, Regina Célia Lima (Orgs.). **Questões de Teoria e Metodologia da História.** Porto Alegre: UFRS, 2002.

GURIÊVITCH, Aaron. **A síntese histórica e a escola dos annales.** Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Perspectiva, 2003.

JESUS, Damásio E. de. **Lei de antitóxico comentado.** 6. ed. São Paulo: Saraiva, 2000.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do partido comunista**. São Paulo: Cortez, 1998.

OLIVEIRA, Luiz Carlos de. **Porque voltei as drogas?** Caderno de Divulgação Cultural, 1997.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história:** operários, mulheres, prisioneiros. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

REIS, José Carlos. **A história entre a filosofia e a ciência**. 2.ed. São Paulo: Ática, 1999.

ROCHA, Luiz Carlos. **As drogas**. São Paulo: Ática, 1987.

SILVA, M. A. (Org.). **República em migalhas:** história regional e local. São Paulo: Marco Zero, 1989.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. Região e história: questões de método. In: SILVA, M. A. (Org.). **República em migalhas:** história regional e local. São Paulo: Marco Zero, 1989.

VAIFAS, Ronaldo. **Os protagonistas anônimos da história:** micro-história. São Paulo: Campo, 2002.

Correspondência | Correspondence:

Rafael Lopes de Freitas Neto

2º Batalhão de Polícia, Rua Aldemir Fernandes, s/n, Aeroporto, CEP 59.607-150. Mossoró, RN, Brasil.

Fone: (84) 32326388.

Email: rafaelcomlopes@oi.com.br